

O ESTRANGEIRO E O TEMPLO

*Clemildo Anacleto da Silva**

*Sydney Farias da Silva***

Resumo

Este texto tem por objetivo refletir a respeito da expressão “casa de oração para todos os povos” a partir da realidade do peregrino galileu. Pretende mostrar também que o estrangeiro no contexto judaico deveria ser sempre bem-vindo, porém o sistema religioso tornou-se exclusivista, impondo ao estrangeiro condições e exigências que o mantinham fora do acolhimento no Templo. Jesus se posicionou contra essas barreiras, reclamando o caráter inclusivo e acolhedor para com o estrangeiro, defendendo um templo aberto a todas as nações. O Templo deveria ser universal. Uma casa de oração a Deus tem de transcender as barreiras culturais e étnicas. Tem de ser inclusiva e culturalmente aberta. O Templo não deveria ser exclusivo dos judeus, deve ser de todos os povos.

Palavras-chave: *Templo. Estrangeiro. Peregrino.*

Abstract

This paper aims to reflect on the phrase “house of prayer for all people” from the reality of the Galilean pilgrim. Also intends to show that the foreigner in the Jewish context should always be welcome, but the religious system became exclusivist, imposing to the foreign conditions and requirements that kept him out of the host in the temple. Jesus spoke out against these barriers, complaining inclusive and welcoming character to strangers, defending an open temple to all nations. The temple should be universal. A house of prayer to God must transcend cultural and ethnic barriers. It has to be inclusive and culturally open. The temple should not be exclusive to Jews. Must be of all people.

Keywords: *Temple. Foreigner. Pilgrim.*

* Doutor em Ciências da Religião. Mestre em Educação. Licenciado em Filosofia. Professor no Programa de Pós-graduação do Centro Universitário Metodista – IPA.

** Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST em São Leopoldo, RS.

Introdução

Não é nosso objetivo, neste trabalho, fazer uma análise exaustiva e detalhada do texto bíblico nem se preocupar em se aprofundar sobre o significado do Templo¹. Algumas questões preliminares a essa reflexão, contudo, parecem-nos ser fundamentais. A primeira está relacionada ao estrangeiro. Em nosso tempo, convivemos com uma realidade nova no que diz respeito ao estrangeiro, considerando que nos continentes asiático e africano estão sendo criadas, pelas guerras, condições adversas para a sobrevivência das pessoas mais pobres. Isso acontece no momento em que saímos de um confronto ideológico e religioso que estimulou o preconceito, sugerindo abertamente, ou de forma velada, que os estrangeiros oriundos dessas localidades precisam necessariamente ser vistos como ameaça de violência.

Ainda nem superamos o preconceito sobre o estrangeiro negro; passamos a conviver com estrangeiros latino-americanos, asiáticos e até europeus que percebem em nosso país a oportunidade de melhores condições de vida. Eles são vistos em nossas ruas e praças, vendendo bugangas, em nossos ônibus cantando e tocando em troca de generosidade, batendo à porta de nossa indústria e comércio pedindo um emprego cada vez mais escasso entre nós.

Eles não são nossos parentes nem nossos patrícios. Eles têm referências culturais muito distintas, mas estão aqui, esperando, de nós, acolhida, ajuda e solidariedade. Podemos ter uma atitude de receptividade ou de acolhida sob certas condições ou, até mesmo, de intolerância. Sua presença entre nós é um desafio a ampliar nossas fronteiras culturais e extensão da fraternidade.

Olhando a questão de modo mais amplo, temos também entre nós estrangeiros nordestinos, nortistas ou simplesmente interioranos que estão a caminho de uma terra prometida que esperam encontrar. Muitos estão aí como o Servo Sofredor, de quem desviamos o rosto ou como se fossem invisíveis, sem merecerem ao menos a consideração de sua presença.

Também tomamos a referência ao Templo como símbolo dos sistemas religioso, político e econômico que, se no tempo de Jesus estavam consubstanciados em um só local, hoje estão difusos em mundos pouco penetráveis, não só para nós em pleno exercício da cidadania como para aqueles destituídos dessa condição em maior ou menor grau. Nessa direção, escolhemos o trecho de Mc 11,15-18 para orientar o estudo do tema.

1. Essas análises mais aprofundadas podem ser encontradas em: SHIMIDT, Francis. *O pensamento do templo. De Jerusalém a Qumran*. São Paulo: Loyola, 1994; VOLKMANN, Martin. *Jesus e o templo. Uma leitura sociológica de Marcos 11,15-19*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1992.

Mc 11,15-18

¹⁵*E foram para Jerusalém. Entrando Ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.*

¹⁶*Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo;*

¹⁷*também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações. Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.*

¹⁸*E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina.*

1. Alguns apontamentos acerca da crítica textual e literária

Essa história é narrada pelos quatro evangelistas. Praticamente, em cada uma das versões não há grandes mudanças. Todos seguem a mesma narrativa, ou seja, informam que Jesus entrou no Templo e expulsou os que ali vendiam. Marcos e Lucas dizem que Jesus expulsou “os que vendiam e compravam”. João detalha o que estava sendo vendido: ovelhas, pombas e bois. Tanto João quanto Marcos referem-se aos cambistas como um grupo que foi expulso juntamente com os outros.

Mateus, Marcos e Lucas concordam na narrativa ao afirmarem que, logo após essa ação, Jesus se reporta a um texto do passado para justificar sua atitude. Diz Ele: Está escrito: “A minha casa será chamada casa de oração”. No entanto, somente Marcos acrescenta a expressão “para todos os povos/nações/raças”. Fica claro que Marcos está reproduzindo o que foi escrito pelo profeta Isaías: “Também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos” (56,7).

Assim a reprodução dos evangelistas pode se melhor visualizada da seguinte forma:

Mateus e Lucas: A minha casa será chamada casa de oração.

Marcos: A minha casa será chamada casa de oração *para todos os povos*.

Esse texto, segundo Myers (1992), faz parte do que ele designou como segunda campanha de ação direta: confronto de Jesus com os poderes em Jerusalém. De acordo com ele, o contexto dessa narrativa está limitado pela divisão que vai de 11,1 até 13,3. Outros autores² concordam com essa divisão, porém incluem todo o capítulo 13, ou seja, 11,1–13,37.

2. DELORME, J. *Leitura do Evangelho Segundo Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1985; LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1980; KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

O assunto predominante é a presença de Jesus no Templo. Pelo menos três vezes, o evangelista afirma que Jesus estava no Templo. É nesse contexto que acontecem os conflitos. Após essa ação no Templo, Jesus é questionado a respeito de sua autoridade e, ao mesmo tempo, ele também questiona os escribas sobre sua autoridade no que se refere ao ensino e interpretação da lei (11,27-33; 12,18-40). Em seguida indaga sobre a autoridade política romana (12,13-17).

Portanto, o texto foi construído de acordo com o seguinte roteiro: Entrada de Jesus, o Messias, em Jerusalém (11,1-11); o conflito no Templo (11,15-19); questionamento a respeito da autoridade dos escribas na interpretação da lei (11,27-33; 12,18-38); questionamento da autoridade política de Roma (12,13-17); contraste entre aqueles que exploravam economicamente o Templo e a oferta da viúva e finaliza profetizando a destruição do Templo (13,1-3).

O texto está situado entre os dois relatos da figueira e integra os trechos do Evangelho de Marcos que remetem à presença de Jesus em Jerusalém e o grande conflito entre Jesus e as autoridades judaicas. Os fatos relatados aconteceram no recinto do Templo, no átrio dos gentios, onde Jesus fez a sua declaração de fé no significado do Templo e também exerceu autoridade dentro de um ambiente de domínio do poder dos sacerdotes, incriminando vendedores e cambistas e impedindo a circulação irreverente de transeuntes com seus objetos. A narrativa está entre os relatos da figueira, que perdeu o sentido de sua existência ao se encher de folhas, mas não de frutos.

A figueira, em sua missão de alimentar a todos, sem deixar ninguém desassistido, tinha perdido, há muito tempo, a sua razão de ser. Um Templo reservado a alguns e feito instrumento de exploração dos demais não fazia nenhum sentido e, por isso, precisava ser desconstruído ou mesmo destruído. O sagrado do Templo tinha se perdido ao lhe ser dada a ênfase exclusivista. O caráter sagrado do Templo estava em ser um lugar de oração *para todos os povos*, que, aliás, é a questão levantada por Isaías (56,7); no entanto, a casa virou covil! Ou como dizem Silva e Rabuske³, em sua tradução dos evangelhos: “Vós tendes feito dela uma espelunca de bandidos!”

Todo o sistema estimulado pela ênfase no sacrifício é colocado em xeque uma vez que a finalidade do Templo não se justificava pelo caráter profissional e financeiro do sacerdócio, mas no lugar de encontro das pessoas de todos os povos com Javé. O legalismo que garantia privilégio e poder deveria ceder lugar ao acolhimento amoroso e generoso. O estrangeiro não é inimigo, mas sacramento do encontro. Na oração acolhida por Deus, o estrangeiro dispensa o intermediário e seus sacrifícios profissionais para ter um acesso direto e pessoal com Javé.

3. SILVA, Cássio Murilo Dias; RABUSKE, Irineu J. *Evangelho e Atos dos Apóstolos*. Novíssima tradução dos originais. São Paulo: Loyola, 2011, p. 99.

Desaparece, nessa abordagem, a necessidade de preservação do especificamente judaico na relação com o estrangeiro, uma vez que a casa do Pai é também a casa dele. Do mesmo modo que a figueira saudável e frutífera não pergunta a nacionalidade dos que buscam seus frutos, mas a todos alimenta fartamente, assim, na Casa de Oração, os frutos da graça de Deus são oferecidos abundantemente a todos. Marcos faz um convite aos estrangeiros para que se sintam acolhidos e bem-vindos. O covil denunciado por Jesus é antes um lugar de sócios e comparsas em um mesmo empreendimento de violência, esconderijo dos que pensam somente em si e em suas vantagens. E isso é roubar não só o adorador que é transformado em cliente, mas é também roubar o próprio sentido de tudo que diz respeito à mística do Templo.

A comunidade de Marcos tem sido localizada tanto em Roma quanto na Palestina. Ao que tudo indica, mesmo que a comunidade seja localizada em qualquer um desses dois lugares, podemos afirmar que estava preocupada com a inclusão do estrangeiro e do gentio. Quem defende que a comunidade estava localizada em Roma argumenta que o Evangelho usa termos em latim e procura justificar teologicamente a separação entre comunidades judias e não judaicas. Por outro lado, quem defende a tese da localização na Palestina enxerga na Galileia a possível localização da comunidade, visto que se tratava de uma área mais helenizada onde estava mais presente “a resistência rural ao colonialismo romano”⁴. Em nosso entendimento, a narrativa de Marcos, assim como seu acento na questão da inclusão, deve-se aos objetivos missionários dos autores do texto, que conviviam com uma comunidade que era grandemente formada por estrangeiros e peregrinos, uma população tipicamente misturada, miscigenada.

É possível perceber três momentos que parecem ser a questão central da narração. Primeiro, temos a ação que indica que Jesus expulsou os que estavam vendendo e comprando no Templo. Provavelmente, essa foi uma ação simbólica, assim como a entrada em Jerusalém montado em um jumento, simbolizando a entrada triunfal do Messias. É possível que o ato de expulsar os que vendiam tenha se passado no átrio dos gentios⁵ porque era lá, nessa área, que acontecia o comércio de mercadorias.

A palavra grega para “expulsar” é *ekbalo*. Esse termo é muito sugestivo porque é a mesma palavra que é utilizada quando se refere a expulsar o demônio. Nesse sentido, Jesus colocou os exploradores da fé para fora do Templo. O “demônio” da exploração foi expulso. O Templo deve voltar a ser santificado. A profanação do Templo não se dá mais pela presença de gentios em lugares considerados santos ou pelo sacrifício de algum animal considerado impuro. A profanação está na exploração econômica no Templo. Outro aspecto importante é a ideia de

4. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 69.

5. DELORME, 1985, p. 119.

que o Templo não se resume apenas ao Santo dos Santos. Não há lugar no Templo que possa ser profanado e outro que é sagrado. O Templo, na condição de morada divina e casa de oração, deve ser considerado sagrado em todos os seus aspectos e lugares. Assim, o átrio dos gentios ou o das mulheres é tão sagrado quanto os outros. Na verdade, “não se tratava de uma purificação, mas de uma destruição simbólica”⁶ (CROSSAN, 1994, p. 395).

Talvez o que Jesus quisesse mostrar fosse que se a presença de vendedores no Templo não era considerada profanação pelos sacerdotes, então não poderia se considerar profanação ou impureza a presença do povo pobre ou peregrino. Joaquim Jeremias informa que na esplanada do Templo havia uma inscrição que dizia: “A ninguém é permitido entrar na esplanada do Templo com seu bastão, suas sandálias, seu alforje ou a poeira nos pés”⁷. A questão principal, portanto, era o fato de se considerar como impuros aqueles que, de alguma forma, falharam em algum ritual de pureza, mas, por outro lado, não se levavam em conta aqueles que estavam profanando o Templo com seu ritual ao comércio e a dinheiro.

A segunda questão que ressaltamos é a afirmação: “a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos/nações”. Da mesma forma como na questão anterior, também aqui temos outras expressões significativas para a interpretação desse texto. Primeiramente, Jesus faz um contraste entre templo e casa de oração. Desenvolveremos esse assunto adiante; no entanto, queremos fazer apenas algumas observações. Parece-nos que esse termo “casa de oração” era mais comumente utilizado para se referir à sinagoga. Nesse sentido, a sinagoga deveria ser algo mais aconchegante, mais próximo, mais solidário. Lugar de ensino, estudo, interpretação, oração e acolhimento. Era também lugar de encontro com o divino. É possível, portanto, que Jesus quisesse mostrar que o Templo havia perdido essa dimensão. Com essa ação no Templo, Jesus parecia querer desacreditar o próprio Templo, seus mestres e ensinamentos e o sistema econômico que ali se encontravam. “Esses atos que precisavam ser desacreditados entre os galileus, bem antes que o episódio da purificação do Templo em Jerusalém explicitasse numa ação simbólica o seu verdadeiro significado”⁸.

Vale salientar também que a referência a casa aparece treze vezes no Evangelho de Marcos. A casa é o lugar da refeição, da comunhão profunda, da paz, era o lugar do encontro, lugar onde se reunia a comunidade⁹. A casa de oração somente terá sentido se não houver essas divisões e graus de santidade que eram

6. CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 395.

7. JEREMIAS, 1983, p. 88.

8. FREYNE, Sean A. *A Galileia, Jesus e os Evangelhos*: Enfoques literários e investigação histórica. São Paulo: Loyola, 1996, p. 202.

9. AZEVEDO, Walmor Oliveira. *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002.

colocados como barreiras que dividiam as pessoas em grupos diferenciados conforme suas posses, importância, *status*, localização geográfica, gênero etc.

O evangelista está fazendo uma referência direta a Is 56,7. No entanto, se verificarmos todo o capítulo, percebe-se que o profeta está se referindo ao acolhimento que será dado a todo estrangeiro e eunuco que se unirem ao povo de Israel. O profeta afirma que eles serão bem-vindos ao grupo e participarão integralmente das celebrações, porque “a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”. A casa de oração é o lugar onde se congregam os dispersos.

A terceira questão refere-se a uma acusação muito dura. Apresenta o Templo como covil de ladrões. Mateus, Marcos e Lucas preferem se referir a covil de salteadores ou ladrões. Somente o Evangelista João afirma que se tratava de “casa de negócio”. Os que vendem no Templo transformam-no em um esconderijo de ladrões. O Templo somente tem sentido ao se constituir em um lugar de oração, devoção, piedade, misericórdia e acolhimento.

Não podemos imaginar o templo de Jerusalém e compará-lo com os muitos templos que enxergamos hoje em qualquer esquina da cidade. O Templo tinha outras funções que não se restringiam apenas a celebrações ou sacrifícios. Era a casa do tesouro e havia guardado ali muito dinheiro. Era para lá que os peregrinos levavam os dízimos da colheita e de seu gado. Verdadeiras caravanas vinham de todas as partes trazendo taxas e impostos, além de mercadorias¹⁰.

Havia, então, incompatibilidade entre a atividade econômica e o serviço desenvolvido pelo Templo? Segundo Crossan¹¹, “não havia nada de errado nas operações de compra, venda e troca de dinheiro realizadas no pátio externo do Templo [...]. Essas atividades eram uma consequência direta da base fiscal e dos propósitos sacrificiais do Templo. No entanto, o próprio Crossan admite que Jesus deve ter enxergado o Templo como um lugar que patrocinava a opressão e a desigualdade. Desta forma, segundo ele:

É bem possível que Jesus tenha ido a Jerusalém uma única vez e que o igualitarismo espiritual e econômico que pregava na Galileia tenha explodido numa onda de indignação diante do Templo, símbolo de tudo o que era anti-igualitário, patronal e até mesmo opressivo, tanto no nível religioso quanto no político¹².

Jesus tinha consciência de que o povo estava sendo enganado, roubado e explorado pelo Templo. Este havia se transformado em um sindicato de ladrões, ou seja, pessoas que conscientemente se reuniam para assaltar e roubar o povo.

10. JEREMIAS, 1983.

11. CROSSAN, 1994, p. 395.

12. CROSSAN, 1994, p. 398.

Ao que tudo indica, para a comunidade de Marcos, o Templo não tinha nenhum significado. Se levarmos em consideração que o Templo era uma instituição símbolo da cultura judaica e de sua identidade religiosa, lugar da morada do divino e espaço sagrado por excelência, as palavras do evangelista demonstram um rompimento com essa estrutura. Assim, essa ação simbólica nos conduz à reflexão de que a purificação não pode se resumir apenas a um ato litúrgico. Deve-se buscar também a purificação de atitudes, de ações, de respeito, de consideração, de acolhimento e de inclusão.

2. Peregrinos galileus, Jerusalém e o Templo

Jesus era um judeu que acolheu as influências da cultura grega, promoveu um movimento de renovação no judaísmo, questionando os grandes pilares da tradição judaica: sábado, leis de pureza e o Templo. Talvez tenha sido por esses motivos que tenha atraído a simpatia dos pobres, doentes, mulheres e todos que não viam mais na tradição judaica uma forma de libertação. Segundo Fiorenza¹³, “Jesus e seu movimento ofereciam interpretação alternativa da *Torah*, interpretação que abrangia o acesso a Deus a todos os que eram membros do povo eleito de Israel e em especial aos que, em virtude de sua situação social, tinham pouca chance de experimentar o poder de Deus no Templo e na *Torah*”.

“Essa liberalidade de Jesus em relação às leis de pureza judaica vem do desafio do contexto urbano, de seu movimento missionário ou, no mínimo, de um mundo camponês invadido por relações com as cidades helenísticas que ‘desfiguram’ o típico adorador de Javé, fazendo que soluções criativas sejam encontradas para possibilitar-lhes a convivência”¹⁴.

Parece-nos que a atividade do sábio escriba e a fiscalização no cumprimento da *Torah* se concentrava mais em Jerusalém do que em qualquer outra localidade. “Jerusalém (...) não apenas abrigava o Templo, a morada de Deus com Israel, era também a sede de aprendizagem e sabedoria, habitada pelos sacerdotes e sábios que podiam merecer o respeito de todos os judeus por causa de sua santidade ou do seu conhecimento das tradições sagradas”¹⁵.

Após os judeus se livrarem do domínio selêucida, destruíram o templo de Samaria (135 a.C.) e Jerusalém tomou o controle do território novamente. A resistência judaica não era exatamente ao modo de vida grego, pois os gregos mantiveram os judeus isentos de obrigações religiosas, ou seja, continuaram com

13. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 177.

14. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. “Os primeiros cristãos e o mundo urbano: a importância da cidade no surgimento das comunidades cristãs”. In: *Culturas e Cristianismos*, São Paulo: Loyola, 1999, p. 35.

15. FREYNE, 1996, p. 158.

suas organizações internas, suas práticas religiosas e tendo o sumo sacerdote como liderança máxima. No entanto, o povo judeu também sentia as consequências da opressão econômica e política.

Nesse sentido, podemos entender que o sumo sacerdote torna-se o intermediário entre as duas culturas e o Templo o local onde se dá a arrecadação. Não é por acaso que o cargo passa a ser disputado e, algumas vezes, até mesmo comprado. É o caso de Jasão, que obteve o cargo prometendo aumento de impostos. Após essa oferta, Onias III perde o cargo para Jasão. Depois disso, outro sumo sacerdote, Menelau, assume o cargo depois de ter prometido subir os impostos para trezentos talentos anuais. Esse fato se deu sob o governo de Antíoco IV Epífanes (175-163 a.C.).

É nesse período também que se dá início à helenização de Jerusalém. Na Galileia, no entanto, o domínio de Jerusalém nunca foi bem recebido. Houve resistências, e a lealdade da Galileia a Jerusalém não era algo garantido. Aquela era uma terra de povos miscigenados, com culturas diferentes. “As ruínas dos magníficos templos encontrados em Gerasa e Filadélfia são testemunhas do esplendor que em outros tempos teve ali um culto helenístico”¹⁶. Os Judeus denominavam a Galileia de “terra dos gentios”. Assim sendo, não podemos dizer que Jerusalém, Samaria e Galileia compartilhassem de uma cultura judaica comum e a resistência de Jerusalém aos gregos se deu pelo fato do Templo ter sido saqueado.

Samaria já era vista com desconfiança pelos judeus porque, em tempos passados, misturaram-se com outros povos e também adquiriram costumes diferentes. Eram rebeldes na área religiosa. No tempo de Alexandre o Grande ele assentou colonos macedônios em Samaria. Os samaritanos tinham um templo separado que, provavelmente, concorria com o de Jerusalém. Esse templo foi destruído no ano 128 por João Hircano (Antiguidades Judaicas, XIII, 9,1). “Herodes assentou nela seis mil colonos, alguns deles soldados licenciados e outros, gente dos arredores. Os colonos receberam excelentes lotes de terra”¹⁷. Além disso, a tentativa de helenização da Galileia não provocou uma reação como a que ocorreu em Jerusalém e a guerra dos Macabeus. Na Galileia não havia um templo nem um grupo de sacerdotes “guardiões da religião oficial”. A presença de sinagogas e de fariseus antes de 70 d.C. é muito remota; não é difícil imaginar que outras ideias religiosas ou grupos filosóficos pudessem assumir o espaço deixado pelo judaísmo. “Devemos tomar em consideração a possibilidade do culto canaanita a *Baal* ter existido lado a lado com o culto de *Javé* através dos séculos; por isso,

16. FREYNE, 1996, p. 64.

17. SCHÜRER, Emil. *Historia del pueblo judío en tiempos de Jesús 175 a.C.-135 d.C.* Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 223.

é irrealístico esperar um judaísmo puro na Galileia”¹⁸. Portanto, é possível que a cultura grega tenha dominado de forma mais ampla naquela região.

Freyne¹⁹ apresenta algumas conclusões do estudo feito por Neusner na *Mishná*. Nele há algumas referências específicas à Galileia e aos galileus.

A Galileia é vista como desinteressada pela *Torah*. Diz também que os galileus preferem a honra ao dinheiro, ao contrário dos judeus; também ao contrário dos judeus o Talmud Babilônico caracteriza os galileus como ignorantes da *Torah*. Eles são bulhentos e ignorantes. O sotaque desqualifica-o para ler em voz alta no culto sinagoga e sua negligência geral no que diz respeito à aprendizagem da *Torah* se contrasta com os interesses da Judeia no mesmo assunto [...]. Considera-se que a proximidade à terra dos cutueus (samaritanos) torna os galileus suspeitos em assuntos de pureza e diz-se que os judeus e os galileus estão em conflito constante. É importante perceber que os galileus são sempre mencionados como galileus, não são chamados de judeus, isso evidencia uma distinção muito clara entre ambos.

Os galileus são apresentados de forma muito negativa. Percebe-se que há preconceito e discriminação contra esse grupo. Segundo o relato, eles não são considerados judeus, visto que são ignorantes, falam com sotaque diferente e por este motivo não podem falar em público no culto, têm dificuldade de aprendizagem da *Torah* e não cultivam as regras de pureza. O texto apresenta apenas um item positivo: ao contrário dos judeus, preferem mais a honra ao dinheiro.

Parece-nos que continuamos utilizando os mesmos termos ainda hoje quando analisamos determinados povos ou culturas. Dizemos que são preguiçosos (não dão valor ao dinheiro?), que o seu sotaque é ridículo, seus gostos e modo de ser, às vezes, não condizem com nosso costume alimentar. O último argumento é também ainda utilizado, até os dias atuais, para subjugar e inferiorizar pessoas, ou seja, que elas são limitadas intelectualmente. Sendo assim, estabelece-se uma diferença que procura mostrar a incapacidade e limitação do outro. Foi esse discurso que deu origem a todo processo de escravização de povos e de subjugação das mulheres.

3. Jesus, um estrangeiro Galileu no Templo de Jerusalém

De certo modo Jesus era, em Jerusalém, um estrangeiro. Ninguém, provindo da Galileia, portava uma condição judaica perfeita, conforme o sistema de pureza racial vigente naquele período. Do ponto de vista do sistema judaico,

18. MOXNES, Halvor. *A Economia do Reino: conflito social e relações econômicas no evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 261.

19. FREYNE, 1996, p. 177.

Jesus é semiestrangeiro. De fato, a Galileia não era um território de tradição racial judaica, uma vez que seus habitantes foram forçados a se converter ao judaísmo como decorrência da ação militar de Aristóbulo I, no século primeiro a.C. Os galileus foram constrangidos à circuncisão e judaizados, assim como os itureus, aos quais foi entregue o domínio da Galileia.

A identidade galilaica fazia parte de sua essência. A crucificação de Jesus estava ligada à política, à religião e à etnia. Jesus era um galileu nazareno. O homem e o preconceito sobre o lugar de onde vinha estavam presentes na acusação que foi afixada na cruz onde Jesus foi crucificado. Isso o colocou à margem das práticas oficiais, da legalidade política e da religiosidade especificamente judaica. Ele morre porque ousou dizer que o estrangeiro tem parte na herança dos bens divinos, mesmo sem recorrer às exigências qualificadas pelo sistema oficial.

Quando esteve no Templo, Jesus não se sentiu agredido nem ameaçado pelas pessoas que estavam fora do sistema político e, principalmente, religioso dos judeus porque o Templo é um lugar onde Deus acolhe, ouve e responde ao estrangeiro. Jesus ensinava que Deus levava ao extremo compromisso as exigências éticas para com o estrangeiro. Ele tem um compromisso com o ser humano e não apenas com um povo chamado para certa missão.

O sentimento de Jesus era que um galileu nazareno podia entrar no Templo como se fosse a sua casa. Ele cobrava das autoridades judaicas uma atitude fraterna de liberdade e não de aparelhamento religioso. Os sacerdotes queriam saber se Ele estava autorizado a se comportar assim dentro do espaço controlado por autoridades xenófobas. O povo, ao contrário, reconheceu e acolheu o nazareno e sua prática marginal, justamente por ter visto nele muito mais do que a diferença genética. Percebeu nele a prática libertadora de um profeta inclusivo e aberto. Ele tinha demonstrado isso ao longo de sua viagem a Jerusalém, indo à casa de um líder judaico e de um centurião romano para atestar que Deus amava a todos de modo inclusivo. A graça de Deus é como braços maternos que congregam os filhos ou como o corpo macio e quentinho da galinha que abriga seus pintos nos dias de temporais.

Integrados ao sistema liderado pelas autoridades da Judeia, os galileus estavam sob o preconceito que os tratava com desprezo e os considerava inferiores. Mesmo sendo mais teológica do que histórica, a descrição de Jesus como o Messias e de sua entrada chamada de “triumfal” em Jerusalém, feita por Marcos, que culmina no Templo, mostra as preocupações das autoridades judaicas com o galileu nazareno Jesus. Ele entra em Jerusalém e no dia seguinte vai ao Templo. É um profeta que vem da Galileia e se intromete no sistema que comanda os judeus e, para isso, mantém rígido o controle da pureza do Templo. Atribuíam aos estrangeiros um recanto marginal e os obrigavam a condicionarem sua religiosidade às exigências dos ritos e sacrifícios. Ainda que com sutilezas, a Galileia tinha uma prática religiosa mais aberta, a desgosto das autoridades judaicas. O confronto

de Jesus com os sacerdotes não é, pois, uma coisa casual. Tem raízes profundas históricas, religiosas e étnicas.

Jesus sente-se “em casa” no Templo. Ele age como se não estivesse no Templo dos judeus, mas em um território de todas as nações: judeus natos, judeus prosélitos, árabes, gregos e romanos. Enfim, qualquer pessoa seria bem-vinda ao território sagrado onde a vida renasce do encontro com Deus e da conversa com Ele. Deus está disponível a todos e comanda um processo de acolhimento gracioso no espaço sagrado de comunhão. A longa lista de povos apresentada nos Atos dos Apóstolos é a revelação de um Deus voltado para todos os povos. A oração e seu caráter universal de aproximação da divindade, em confiança ao seu amor e acolhimento, podiam muito bem dispensar sacrifícios estipulados e convenientes aos sacerdotes judeus.

4. Casa de oração para todos os povos

Há que se fazer uma diferença entre a casa de oração e a sua sucedânea, a sinagoga. A primeira, surgida na diáspora, além de ser local de oração, era também local de hospedagem do estrangeiro e dispensava o intermediário oficial para a obtenção dos favores divinos. A sinagoga, típica da religiosidade rabínica, enquanto se tenta provar sua existência no tempo de Jesus, requer um intermediário a presidir a celebração que acontece dentro de certa tradição litúrgica, essencialmente judaica. No terceiro século, seguramente, ela cumpre o papel educacional e tem um rabino em sua presidência. Nesse caso, por toda Ásia Menor, são os judeus com sua sinagoga que são estrangeiros. A esperança messiânica indicava que o Templo deveria ser a grande casa de oração, sem restrições, aberta a todos, particularmente ao estrangeiro que encontra nela um lugar onde é acolhido com misericórdia.

Os trechos da profecia de Is 56 e Jr 7 evocados por Jesus para justificar a sua desconformidade com o que está vendo acontecer no Templo estão diretamente relacionados com a preocupação de ser justo e misericordioso com o estrangeiro, que é ouvido quando invoca a Deus em atitude sincera, conforme sua tradição cultural.

Fazer da Casa de Oração para todos os povos uma casa de exclusividade judaica e de coerção à submissão ao sistema religioso judaico como condição para entrar nesse espaço sagrado é ato fraudulento e lesivo porque, por iniciativa divina, foi legado a todos. Todos são bem-vindos. A ira de Jesus se enquadra nessa ação que abre as portas do Templo a todos e a todas. As mesas dos que exploram um negócio, os cambistas que pervertem relações econômicas e o movimento de utensílios estritamente da religião judaica são símbolos de uma prática típica de um Templo exclusivo a uma tradição, a uma religião e a uma cidadania.

Fazer da Casa de Oração um lugar aberto a uns e fechado a outros vai contra toda a história de um povo que também foi estrangeiro e excluído em terra estranha, mas não aprendeu a converter sua prática exclusiva em uma acolhida essencialmente inclusiva. Os judeus se apropriaram daquilo que era de todos e para todos os povos, que é o espaço físico onde o estrangeiro pode ser cidadão da pátria celestial.

Foram as autoridades do Templo que estabeleceram pátios, onde uns podem e outros não podem entrar. Eles estabeleceram quem Deus acolhe e, para tristeza dos estrangeiros, há privilegiados com direitos natos. O problema não é o estrangeiro que não cultua do modo certo, que é obrigado a comprar animais, mas não pode usar sua moeda local. O problema é o poder religioso que controla os passos dos forasteiros, inventando mais e mais formas de violentar seu direito de acesso à divindade.

Jesus ensinou de modo inconfundível que o Templo não é uma casa que os judeus oferecem a Deus, mas é uma casa onde Deus acolhe a todos os povos. Ela deveria ser a casa do encontro, onde todos os povos fazem-se irmãos e irmãs, desfrutando do amor e da solidariedade.

Conclusão

Um filósofo, certa vez, questionado pelos seus ouvintes acerca da habitação da divindade, respondeu: Onde está Deus? Fechado nos templos? Ele mesmo respondeu: Ignorantes, Deus não é obra de mãos humanas para ficar exposto em um pedestal, protegido por uma cerca. O mundo inteiro adornado com animais, natureza e os astros, é o seu templo²⁰. Essa mesma ideia permanece ainda hoje. A natureza ou o mundo se configura como o lar da divindade. A religiosidade de linha mais intimista e de valorização de um culto mais pessoal costuma dizer que cada indivíduo pode ser apresentado como templo da divindade. Em todo caso, a resposta do filósofo já demonstrava que o templo, bem como sua estrutura física e cultural, não era o único lugar no qual a divindade aparecia ou fazia morada.

No nosso texto, percebemos que no tempo de Jesus o Templo, como lugar de arrecadação de imposto, provavelmente também convivia com o dinheiro que nem sempre era bem-vindo. Dinheiro sujo. É possível também que houvesse dinheiro resultante da exploração dos pobres. Assim, o Templo não era mais visto como um lugar de acolhida; tornara-se um lugar de exploração.

Assim como no passado, atualmente muitos templos não funcionam mais como lugar aonde as pessoas vão com o objetivo de receber apoio, solidariedade, acolhida e vivenciar fraternidade. Os templos viraram lugar de negócio. A

20. MALHERBE, Abraham J. (Org. e Trad.) *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977, p. 191.

piedade passou a gerar lucros. O discurso do templo passou a girar em torno da sustentação e ostentação do patrimônio.

Atualmente, em algumas igrejas neopentecostais, assistimos a um verdadeiro espetáculo da fé. O que importa não é mais a acolhida, a solidariedade, o afeto, a palavra e o consolo pastoral. No interior desses templos, o que predomina é o discurso da demonização do povo e a troca entre a fé e a contribuição financeira. A celebração que se dava pela mediação da fé e do sacerdote agora se dá pela mediação do dinheiro. Quem contribuir mais (financeiramente) receberá mais os produtos da fé. Quem mais faz sacrifício financeiro demonstra ter mais fé. O templo virou um negócio e a fé um comércio (MARIANO, 2005; CAMPOS, 1997).

Jesus enxergou de forma diferente a relação do povo com o Templo. Para Jesus, eram os vendedores do Templo que tinham demônios, ou seja, suas ações eram maléficas. A fé e a relação com o divino não podiam ser mediadas pelo dinheiro. Por isso, aqueles vendedores não poderiam permanecer no Templo. Precisavam ser expulsos. Portanto, ainda hoje, podemos afirmar: não é o povo que está com o demônio, não é o povo que precisa ser exorcizado. Quem tem demônios não são os que vêm ou procuram o templo, mas os que vendem no templo; os que exploram economicamente a fé. A esses, Jesus expulsou (*ekbalô*).

A exigência de purificação foi dirigida ao templo. O templo precisa se purificar para receber todos aqueles que desejam fazer daquele lugar a sua Casa de Oração. Jesus inverte a lógica. Não são as pessoas que são impuras e, portanto, não podem estar no Templo. É o Templo que está impuro pela presença de atividades ilegais e por não exercer a solidariedade e o acolhimento. Assim, o Templo se purifica quando estiver aberto para receber o peregrino, o estrangeiro, o imigrante, as crianças, as mulheres e todos aqueles que são considerados ou classificados como impuros, inadequados e inconvenientes para estarem na Casa de Oração. E quando isso ocorrer, poderemos dizer: as nossas comunidades, as nossas igrejas, os nossos templos, as nossas casas serão chamadas de “Casa de Oração para todos os povos”.

Bibliografia

AZEVEDO, Walmor Oliveira. *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis; São Paulo: Vozes; Simpósio, UMESP, 1997.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DELORME, J. *Leitura do Evangelho Segundo Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulus, 1992.
- FREYNE, Sean A. *A Galileia, Jesus e os Evangelhos*: Enfoques literários e investigação histórica. São Paulo: Loyola, 1996 (Bíblica Loyola, 18).
- JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: Pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- MALHERBE, Abraham J. (Org. e trad.) *The Cynic Epistles*. Missoula: Scholars Press, 1977.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOXNES, Halvor. *A Economia do Reino: conflito social e relações econômicas no evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. “Os primeiros cristãos e o mundo urbano: a importância da cidade no surgimento das comunidades cristãs”. In: *Culturas e Cristianismos*, São Paulo: Loyola, 1999.
- SCHÜRER, Emil. *Historia del pueblo judío en tiempos de Jesús 175 a.C.-135 d.C.* Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.
- SILVA, Cássio Murilo Dias; RABUSKE, Irineu J. *Evangelho e Atos dos Apóstolos*. Novíssima tradução dos originais. São Paulo: Loyola, 2011.

Clemildo Anacleto da Silva

Rua Coronel Paulino Teixeira, 341, apto. 15
90420-160 Rio Branco, Porto Alegre, RS
clemildo_anaclet@uol.com.br

Sydney Farias da Silva

Rua Santa Cecília, 2129, apto. 501
90420-041 Rio Branco, Porto Alegre, RS
sydneyfarias@yahoo.com.br